



PRESS MONITORING

PÚBLICO, QUI 17 OUT 2013 | 45

Boas notícias sobre Educação em Portugal

Debate Escola pública
Diogo Simões Pereira

Com a crise que vivemos atualmente, a pergunta mágica que se pode colocar por estes dias é: será que a escola pública está a melhorar ou a piorar desde 2010? Quando observamos a evolução da taxa de insucesso escolar em Portugal nos últimos anos, disponibilizada pelo Ministério da Educação, podemos facilmente concluir que, entre 2005 e 2010, os resultados melhoraram de modo significativo e consistentemente no 1.º ciclo, no 2.º ciclo, no 3.º ciclo e no secundário. Estes números ajudam a explicar que, entre 2005 e 2010, a taxa de abandono precoce da educação e formação em Portugal – população entre 18 e 24 anos que abandonou o ensino/formação no ensino secundário completo ou nunca o frequentou – tenha passado de 38,8% para 28,7%. Ao mesmo tempo, desde 2000, Portugal foi dos países europeus que mais melhoraram nos estudos comparativos internacionais de literacia em jovens com 15 anos.

Com estas bases, será pelo menos defensável dizer que a escola pública melhorou no período entre 2005 e 2010. Mas sabemos que foi um período de grande investimento na Educação: em instalações e equipamento, em tecnologia, em organização e processos, em ação social...

No entanto, na ausência de resultados oficiais tão claros em relação aos anos 2011 e 2012, a especulação sobre a evolução destes resultados tem sido uma constante, atingindo picos de paixão e insensatez em momentos de tensão política, partidária e/ou sindical. Para alguém minimamente informado nos temas da Educação, assistir aos argumentos dos protagonistas nos meios de comunicação social é conflagrador, pois raramente se invocam factos e números validados e de âmbito nacional.

Quando queremos refletir sobre a escola pública em Portugal, pouco sabemos, de modo objetivo, o que se passa no terreno: se os comportamentos e rotinas dos alunos e famílias estão a evoluir bem, se as escolas são espaços melhores de aprendizagem, se os diretores de escola e professores cumprem melhor a sua missão, se a comunidade apoia os projetos educativos... Por esta razão, neste início de ano letivo, a Associação EPIS - Empresários Pela Inclusão Social quis contribuir para dar resposta a estas questões, divulgando os indicadores quantitativos da evolução da Educação em Portugal, que tem recolhido desde 2007, em dezenas de escolas por todo o país. Através destes indicadores de "base nacional", a que chamamos Barómetro EPIS, é possível perceber um caminho muito positivo feito pelas famílias e jovens portugueses em idade escolar ao longo dos últimos anos, que é o resultado de um esforço generalizado da sociedade portuguesa, incluindo os próprios, mas também o Governo, as autarquias, as escolas (professores, técnicos e auxiliares), as empresas, o sector social e demais partes interessadas.

Desde 2007, a informação recolhida pela EPIS dá conta de boas notícias ao nível do contexto "familiar", com a ausência de défices relevantes de afeto familiar. As expectativas escolares dos alunos e famílias apontam para a faixa mínima do 12.º ano de escolaridade em mais de 90% dos inquiridos desde 2007, o que traduz uma adequada valorização da Educação em Portugal por parte dos destinatários principais.

No que diz respeito à escola, temos igualmente boas notícias, com os jovens portugueses a demonstrarem ter adquirido uma forte consciência de que o valor e a utilidade da Educação para a vida futura de cada indivíduo são inquestionáveis. Por exemplo, o Barómetro EPIS tem registado, nos últimos seis anos, uma elevada satisfação dos alunos da faixa etária dos 12 aos 15 anos em relação aos seus professores. Estes resultados são indicadores de um bom

ambiente de escola, em que o esforço e interesse dos professores são reconhecidos por cerca de 98% dos alunos inquiridos. Quando questionados sobre se os docentes estão disponíveis para abordar assuntos para além dos relacionados com a matéria, mais de 87,8% dos jovens consideram que sim. Há um clima de confiança, de disciplina e de justiça que é reconhecido pelos estudantes. A esmagadora maioria dos estudantes que responderam ao inquérito considera também que os professores são justos em relação ao cumprimento das regras e

Devemos concentrar-nos, no futuro, na monitorização e melhoria dos resultados



projetos educativos, mas há também sinais de preocupação, que são devidos sobretudo ao contexto de crise económica que vivemos, com o agravamento da situação financeira das famílias.

No futuro, devemos concentrar-nos na monitorização e melhoria dos resultados, mas sabendo que eles são também, em grande medida, um "sinal dos tempos". Por tudo, acreditamos que são boas notícias sobre Educação em Portugal.

Director-geral da Associação EPIS - Empresários pela Inclusão Social

Os lábios não mexem



Miguel Esteves Cardoso
Ainda ontem

Um estudo feito na Universidade de Colónia mostrou que quem come pipocas no cinema torna-se imune à publicidade. Parece que a mastigação interfere com um processo que nos leva a pronunciar um nome novo cada vez que o ouvimos.

Posto douta maneira, cada vez que aparece um anúncio do automóvel "Kia Sorento" (falta um erre), os espectadores que não estão a comer pipocas (como é o meu caso) soe-tram bucalmente "Kia Sorento", quais cães de Pavlov.

O grande filósofo Aurélio Agostinho, também conhecido por Santo Agostinho, espantou-se quando viu, em Milão (o futuro Santo) Ambrósio a ler sem mexer os lábios: "Quando ele lia, os olhos deles perscrutavam a página e o coração dele procurava o sentido, mas a voz dele ficava-se pelo silêncio e a língua dele não se mexia. (...) Lia assim, em silêncio, porque nunca lia em voz alta".

Por alguma razão o Caffè Sant Ambroeus em Milão é uma das pastelarias melhores do mundo para comer e beber, mexendo os lábios. Para ler é pior.

Entre os publicitários banirem as pipocas e as pipocas banirem a publicidade nos cinemas, "entre les deux, mon coeur [ne] balance [pas]". Desiludem-se os publicitários: os não-comedores de pipocas também não balbuciam, desde o século V, o nome do produto.

Que nos desculpem e avancem, *malgré tout*. Os nossos lábios e as nossas línguas evoluíram. Hoje nada depende nem da publicidade nem das pipocas.

Ainda bem que assim é: pagamos duas vezes por tudo, de uma maneira ou doutra.

BARTOON LUÍS AFONSO

O GOVERNO VAI SORTEAR PRÉMIOS COM VALOR GLOBAL ANUAL ATÉ 10 MILHÕES...



...A QUEM PEDIR FACTURAS.



PEGA FACTURAS, SÓ SAI A QUEM JOGA.



BEM-VINDO AO CASINO PORTUGAL!

